

"Mário de São Carneiro"

"Feliz pela infelicidade,"

*Episódio dramático, adaptação à cena do conto dialogado
de Michel Provins*

Seguido de O Vencido



Mário de Sá-Carneiro

Feliz pela infelicidade

Seguido de O Vencido



Padrões Culturais Editora

Título: *Feliz pela infelicidade*

Autor: Mário de Sá-Carneiro

Copyright © 2008, Padrões Culturais Editora

Colecção: Textos Extraordinários, n.º 18

Revisão: Largebooks

Capa: Mário Andrade sobre desenho de Mário de Sá-Carneiro

Paginação: Mário Andrade

Impressão: Padrões Culturais Editora

ISBN: 978-989-8160-26-3

Depósito Legal n.º 285072/08

1ª edição, Lisboa, Novembro de 2008

Padrões Culturais Editora

Rua José Lins do Rego, 6 A e B, 1700-263 Lisboa

padroes_culturais@yahoo.com

Personagens

Feliz pela Infelicidade

Um em estremo. Outra de que se trata um bom
homem. Infelizmente.

Um bom homem.

Um bom

homem. Um bom homem. Um bom homem. Um bom
homem. Um bom homem. Um bom homem.

Um bom homem.

Um bom homem.

Um bom homem. Um bom homem. Um bom homem. Um bom
homem. Um bom homem. Um bom homem.

Um bom homem. Um bom homem. Um bom homem. Um bom
homem. Um bom homem. Um bom homem.

Um bom homem.

Um bom homem.

Um bom homem. Um bom homem. Um bom homem. Um bom
homem. Um bom homem. Um bom homem.

Personagens

André

40 anos. Cego. Velho antes de tempo. Simpático em extremo. Outrora deveria ter sido um belo rapaz. Engenheiro.

Jorge

38 anos. Pintor estabelecido em Paris. Não o tipo de artista, sim dum *gentleman*.

Germana

30 anos. Formosa, mas duma formosura dolorosa. O rosto estriado já de imperceptíveis rugas. Nos olhos, um vago reflexo de tristezas que não se confessam.

Uma Criada

Rapariguita nova. Todo o serviço: 2\$50 mensais.

Acto Único

(Um aposento mobilado muito modestamente)

CENA I

André, Germana

(Quando o pano sobe, André e Germana estão sentados a uma mesa, na ocasião secretária. Papéis dispersos indicam que estão trabalhando juntos naquilo com que ganham o pão... as migalhas quotidianas: traduções de romances-folhetins.)

André (a Germana, que tendo acabado de escrever, pousa a caneta): Já deves estar cansada de tanto escrever! Quando penso que este trabalho é tão mal pago!... Mas que remédio... Mal diria outrora

que, para não morrer de fome, ainda me veria obrigado um dia a... traduzir romances!...

Germana: Que queres, André, a vida é isto... Em virtude dum desastre, cegaste. Por esse facto, a tua carreira de engenheiro ficou, para sempre, despedaçada. Procuraste então outro modo de vida e achaste este... *(com despeito)* magnífico!... Que fazer? Resignarmo-nos com a nossa sorte!...

André: Sim, é o único remédio. *(Pausa. Outro tom)* Diz-me cá: poderemos sair hoje? Estou ansioso por respirar um pouco de ar puro.

Germana (com despeito, deixando transparecer na entoação que dá à frase um tédio mortal pela vida que leva): Não. Chove! Chove como choveu ontem, como choverá amanhã, como choverá sempre neste maldito inverno.

André (depois dum silêncio): Estás triste, Germana?

Germana: Um pouco... por causa do tempo.

André: E por causa da nossa existência, sobretudo, não é verdade?

Germana: Por Deus! Asseguro-te...

André: Não tentes negar. Adivinho-o... Vejo-o...

Germana (docemente): Ver, não podes.

André: Ah! pelos olhos, não, mas pelos sentidos! Por essa espécie de magnetismo que se liberta dos entes humanos — dos que amamos, principalmente — e que faz com que possamos ler nas suas almas, embora a luz dos nossos olhos esteja, de todo, extinta.

Germana: Mas se te afirmo que...

André: Oh! não afirmes nada. Para quê te defenderes da tristeza? Receias que a tome como uma queixa? Não, pelo contrário, compreendo-a muito bem e acho-a justificada. É uma vida terrível a que levas nesta casa acanhada em que falta o ar

e a luz, quase despida de móveis, em companhia dum enfermo, dum cego... que é o teu marido! O marido de ti, Germana, jovem e bela!... Em lugar da alegria, da riqueza, do luxo devido à tua mocidade, o homem cujo dever era dar-te tudo isso, dá-te apenas tédio, o aborrecimento e... quase que a fome!...

Germana: És porém responsável pela fatalidade? Outrora, nos dias venturosos, cercaste-me de tudo quanto me podia fazer feliz, satisfizeste todos os meus caprichos; é justo que eu hoje pague essa grande dívida acompanhando-te na desgraça, tratando-te caprichosamente. Repito: ninguém é responsável pela fatalidade.

André (tristemente): É sempre um criminoso, o homem que não dá à sua mulher aquilo que ela tem direito de esperar dele. Não me posso porém queixar... Deus é justo: dá-me o castigo merecido!

Germana: O castigo?...

André: Sim. Quando te desposei sabia não ser amado, sabia que só constrangida por teus pais, me aceitavas, sabia enfim não ser eu o homem que escolheras para esposo...

Germana: André!...

André (prossequindo): ... E apesar disso aceitei-te!... Foi um crime que cometi, um duplo crime. Jorge de Mendonça, o moço pintor que tu amavas mas que teus pais desprezavam, é hoje, noutro país, rico e célebre. Eu, julgado o «bom partido» em toda a extensão da frase, o engenheiro a quem tudo sorria, tornei-me num inútil, num enfermo, num miserável! Oh! Deus é justo!...

Germana: Porque me dizes tais coisas? Não mereço que assim me trates.

André: Não é contra ti que a minha voz se levanta, é contra mim próprio. Cada vez que as circunstâncias te obrigam a um novo sacrifício, o meu coração